



O jornalismo no cinema: como a sétima arte reproduz o profissional da comunicação¹

Jocemar de Carvalho ZULIAN²

Luana de Teixeira LACERDA³

Universidade de Caxias do Sul – Caxias do Sul, RS

RESUMO

Este trabalho pretende analisar como o cinema apresenta a figura do jornalista, em seu dia a dia e enfrentando o concorrido mercado de trabalho, através da comparação de diversos filmes de destaque ao longo dos tempos. Sua projeção de estereótipos, a metáfora do ‘salvador do mundo’ e a crescente admiração pela profissão figuram como pontos chave de narrativas bem estruturadas. Jornalismo e cinema são linguagens distintas, mas que reúnem algo em comum: buscam retratar a realidade.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema; Evolução; Jornalismo; Realidade.

A narrativa cinematográfica

Um filme, independentemente de seu gênero, deve contar uma história. Início, meio e fim interligados por um fio condutor que entrelaça a narrativa com personagens, fatos e acontecimentos relevantes. O espectador, por sua vez, é instigado a emocionar-se, divertir-se, refletir, sentir medo ou desprezo e concluir com uma opinião enfática. Esse filme é bom ou não é? Até onde vai o limite entre ficção e realidade? Por que isso foi apresentado dessa maneira nessa história e de outra maneira na história passada? Essas e outras são perguntas recorrentes que os amantes da sétima arte formulam. Desde

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr. – Jornalismo, do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Aluno do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Caxias do Sul. jc_zulian@hotmail.com

³ Aluna do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas, pela Universidade de Caxias do Sul. ltl-91@hotmail.com



o surgimento do cinema mudo, nos primórdios do século XIX, é na grande tela que as histórias são apresentadas de diferentes formas. Simples, complexas ou divididas em partes, são expostas à interpretação livre e despreziosa de críticos e do público.

Mas para se chegar ao que conhecemos hoje, a evolução histórica, os fundamentos da ciência óptica e as diferenciações entre as artes foram imprescindíveis. Para início de tudo, é primordial citar a contribuição de Louis-Jacques Daguerre ao cinema. Sua invenção fez com que, através de luz e movimento, pudéssemos enxergar representados na tela. Daguerre foi o inventor da fotografia em 1837, ao criar o daguerreotipo - uma lâmina de prata sensibilizada com iodo e mercúrio, que ao ser posta em uma câmara escura formava uma imagem.

Considerado por muitos como o pai da fotografia, sua invenção foi tão importante que acabou sucedida por uma série de outros experimentos para a evolução do primeiro protótipo. Sem a fotografia, o cinema não existiria.⁴

Primeiro, porque um filme nada mais é do que a projeção de diversas fotografias em pequenas frações de segundo, onde a retina seja capaz de assimilar. Diversos teóricos afirmam que “o cinema é uma arte tradicional que está lutando para ir além de suamateria-prima. [...] O modo cinematográfico pode transformar o mundo através de sua técnica complementar”. (ANDREW, *p.* 96). Ou seja, é formado por imagens e narrativas que significam algo, em algum momento, para determinados indivíduos.

O estudioso Sigfried Kracauer ressalta que um filme é muito mais do que uma realidade paralela. Para ele, a abordagem de cada história pode ser primordial na formação de seres humanos, meros telespectadores de todo um processo altamente trabalhoso e, por vezes, rentável. Para se levar uma história às telas, não basta querer: é preciso enfrentar um processo bastante complexo e ser incansável. Há histórias que levam anos entre as etapas de planejamento, execução e exibição.

Os irmãos Auguste e Louis Lumière são os responsáveis pelo fascínio que conhecemos hoje, carinhosamente chamado de sétima arte. Ao aperfeiçoarem a técnica criada por Thomas Edson, o cinescópio, fizeram com que fosse possível transmitir um mesmo plano sequência para mais de uma pessoa. Naquele final de século XIX, mais precisamente Boulevard des Capucines, em Paris, França, a primeira transmissão de uma projeção em tela branca fascinou, causou estranhamento e, sem dúvidas, mudou o

⁴ Louis-Jacques Daguerre foi precursor, pois sua invenção faz uso da forma cinematográfica utilizada até hoje. Alguns estudiosos garantem que Daguerre apenas aperfeiçoou uma invenção criada por outro francês, mas é incontestável sua participação e idoneidade do projeto.



rumo de muitos. Depois de algumas invenções que fracassaram, os irmãos agora eram reverenciados.

A primeira sessão da história foi exibida a apenas 1 franco por pessoa e durava cerca de 20 minutos. Um trem em alta velocidade invadia a tela do lado esquerdo, para minutos depois sair pelo lado direito. Historiadores afirmam que a invenção era tão revolucionária que, em determinada sessão, os espectadores saíram correndo da sala de exibição por medo do que viria a acontecer. Era a primeira vez que uma arte era explorada pela mídia logo em seus primeiros meses de criação.

Uma indústria milionária

Até a final da década de 1910, a França destacava-se por ser a maior produtora de filmes do mundo, consequência, claro, dos irmãos Lumière. O país produzia em larga escala narrativas documentais e científicas, que figuravam por longo tempo nas salas de exibição da cidade. Contudo, após a 1ª Guerra Mundial, entre os anos de 1914 e 1918, as indústrias francesas foram destruídas. Com isso, os Estados Unidos começaram a investir no mercado, passando a dominar a cinematografia mundial com o surgimento de Hollywood.

O nome é uma referência a aldeia de *Hollywoodland*, localizada na Califórnia, onde havia belas paisagens e a maioria dos dias eram ensolarados. Assim, era o lugar perfeito para que os aspirantes a cineastas tomassem como locações para suas produções. Inicialmente mudo, ou seja, apenas projeções de imagens e sons - geralmente, músicas clássicas, o cinema foi ganhando força com a evolução dos meios e com a divulgação da imprensa. Alguns cineastas da época optavam por um cinema independente, vendo tudo como uma verdadeira arte e não uma forma de ganhar dinheiro e movimentar uma indústria cultural.

Nesta época surge a comédia, com Buster Keaton e Charles Chaplin, um dos precursores do cinema mudo e de filmes com crítica e cunho social. Os clássicos *Luzes da Cidade* e *Tempos Modernos*, ambos de Chaplin, são considerados até hoje verdadeiras obras-primas da sétima arte, eternizadas como "narrativas exímias que unem o som, a imagem e as expressões faciais de um ator genial para sua época e referência para as gerações seguintes." (BAZIN, pg. 44) Na carona dessa evolução, surgiam os primeiros musicais e subsequente a ascensão de estrelas como Gene Kelly e Marilyn Monroe. É inegável a participação da indústria de Hollywood como a grande



precursora do boom do cinema no planeta. Com sua epopeia, surgem os grandes estúdios, como Fox, Universal e Paramount, que no início eram controlados por judeus que viam o cinema como um negócio, uma forma de ganhar dinheiro e investir cada vez mais.

O filme *O Beijo*, protagonizado por Greta Garbo, foi a última película muda da história da indústria, lançada em 1929. No mesmo ano, grandes histórias, agora faladas, foram eternizadas, como *Blackmail*, de Alfred Hitchcock e o musical *Applause*, do diretor Rouben Mamoulian. No mesmo ano foi criada a cerimônia do Oscar, como uma forma de premiar os artistas, produtores e diretores da área. O drama de guerra da Paramount, *Asas*, foi o primeiro a receber a estatueta. Contava a história de um triângulo amoroso, com a Guerra Mundial como mote central da história. De lá para cá, 83 filmes foram premiados, apenas na categoria Melhor Filme.

Para o crítico húngaro Béla Balázs, Hollywood é uma grande esfera que reúne ficção e realidade, elevando pequenos fatos a dimensões imensuráveis, como realizadora de bons momentos ao espectador:

Hollywood inventou uma arte que negligencia o princípio da composição autocontida e não apenas suprime a distância entre o espectador e o trabalho, mas deliberadamente cria a ilusão no espectador de que ele está no meio da ação reproduzida no espaço ficcional do filme. (BALÁZS, 2001, p. 50)

Neste mundo de espetáculo, onde novas estrelas emergiam a cada instante, surgiu um conceito bastante utilizado por críticos de arte da época para designar jovens astros que imortalizaram seus nomes. Para Spencer Tracy, vencedor do prêmio da academia por duas vezes seguidas e escritor de ensaios sobre a vida nos palcos do momento em que vivia sua meteórica carreira, "foi Hollywood que inventou o Star System, pois via como um grande negócio vender os filmes através das estrelas e astros".

O conceito de star system, sistema estelar em sua tradução literal, é bastante amplo e discutido. Pode ser compreendido ao analisar que uma verdadeira estrela deve passear por todas as mídias, mostrando seu talento em cada uma delas de forma peculiar, para que possa se tornar uma referência. Uma estrela do cinema, nos primórdios, devia ser consagrada também no teatro, fazer trabalhos para publicidade e divulgação através de fotografias e, tempos depois, devia também estar na televisão.



Hoje, contudo, as coisas são diferentes.

A representação no cinema

Passo a passo, o cinema foi evoluindo e tornando-se referência mundial. Os filmes passaram a ser mais elaborados, com roteiros originais e adaptados de outros meios, como histórias em quadrinhos e séries de televisão. Nesse turbilhão de estrelas, glamour e trabalho -muito trabalho -todas as profissões já foram representadas, contadas e recontadas. A história de amores impossíveis, o herói versus o vilão e a busca pela realização dos sonhos.

Esses são alguns dos fatores que prendem a atenção dos espectadores e fazem com que sua disseminação seja maior, atingindo outros públicos não segmentados. Cada diretor faz uso de uma narrativa específica, que costure com o fio condutor da história. O jornalista já foi representado de diversas formas, inclusive fazendo uso dos mais variados artifícios da profissão para atingir seu objetivo.

Em uma análise rápida sobre algumas narrativas que retratam a profissão, é fácil destacar alguns pontos que são trabalhados pelos estúdios de cinema. Para eles, o jornalista é alguém bastante dinâmico, pois consegue fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo - e faz bem todas elas. Há ainda a habilidade nas relações pessoais, uma vez que o profissional relaciona-se com os mais diversos tipos de pessoas e personalidades. Para outros, o jornalista é obcecado por sua profissão e possui traços de individualismo.

É curioso, determinado, por vezes sem medidas, na ânsia de 'fazer acontecer'. Alguns também não têm noção do perigo, enfrentam qualquer problema e morte não é um tabu: eles não têm medo e também lidam com ela com admirável destreza. Além disso, também não dispensam uma boa xícara de café. Para Isabel Trancas, o jornalista é sim um herói, mas por vezes vilão.

Herói e bandido estiveram presentes em diferentes filmes e períodos. O vilão é representado pelo profissional que não mede esforços para conseguir seus objetivos e dar um 'furo' de reportagem. Sem caráter e trafegando pelos submundos do crime, ele não hesita em colocar sua carreira na frente de tudo e todos. O herói identifica-se com os valores do mundo público e defende a verdade, a democracia, o bem comum. (TRAVANCAS, 2001)



Muitos autores exemplificam a profissão, também, como exaustiva e centralizadora. Ou seja, para eles, um jornalista não tem vida própria, pessoal. Precisa escolher entre o lado profissional e suas relações. Para Manuel Cintra Ferreira, uma das premissas que a maioria dos filmes aponta é que "ou você já é um jornalista bem sucedido e deixou vários casamentos pelo caminho, ou está começando e não tem tempo para o namorado" (FERREIRA, pg. 112).

Em 1941, Orson Welles dirigiu e atuou no filme de maior divulgação da profissão em toda história. Em *Cidadão Kane*, o repórter Thompson refaz a vida do magnata da imprensa Charles Foster Kane, a fim de decifrar o significado de sua última palavra dita antes de morrer. O repórter passa a entrevistar diversas pessoas próximas a Kane, para poder entender o que o levou a viver de forma tão atribulada.

Para os críticos do site especializado em cinema, Webcine, "Kane consegue sucesso como homem de mídia, criando uma reputação de campeão dos pobres e oprimidos. Sua trajetória, no entanto, encerra muito do sonho americano: idealismo, espírito de iniciativa, fama, dinheiro, poder, mulheres, imortalidade".

A montanha dos sete abutres, lançado em 1951, traz a imagem de um jornalista aproveitador, que explora um drama pessoal para voltar aos holofotes. É o primeiro filme que discute a linha tênue entre o ser jornalista e o ser artista. O personagem central busca a fama, o reconhecimento público e as glórias de contar uma incrível história. Um homem preso em uma caverna em uma montanha no México não consegue ver a fácil saída e precisa da ajuda do jornalista para encontrar um meio. O profissional vê na oportunidade a chance de voltar à mídia.

Já em *Todos os homens do Presidente*, 1976, a profissão atinge seu patamar de solucionadora de problemas ao tocar na ferida e expor as questões ocultas em uma sociedade. A história gira em torno da investigação sobre uma invasão ao prédio Watergate, sede do Partido Democrata na época. O caso culminou com a renúncia do então presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, que estava envolto em uma série de outros casos policiais e revelou-se como a primeira espionagem política da história.

No sucesso de bilheteria *O Informante*, de 1999, um cientista dá uma entrevista a um programa jornalístico e revela que os produtores de tabaco acrescentam substâncias nocivas ao cigarro, sabendo dos danos que ele causará aos dependentes. A partir daí, sua vida entra em conflito, ao ter que lutar com as cobranças da população e sua própria consciência. Há outras histórias emblemáticas que ajudaram a firmar o jornalista como profissional apaixonado pelo seu fazer diário, como *Bom dia Vietnã*, de 1987, *Medo e*



Delírio, de 1998, e *O Preço de Uma Verdade*, de 2003. Em cada narrativa é possível perceber um contorno parecido, que faz do jornalista - correto em suas atitudes e preocupado com o senso coletivo - um exemplo a ser seguido.

O jornalista é um super-herói?

Para muitos, o jornalismo é o quarto poder. Resolve os problemas da sociedade, colocando uma luz sob aquilo que está obscuro. É quem investiga, narra, faz girar o círculo que envolve sociedade, poder e mídia. E isso também acontece com o cinema. Seja qual for o assunto tratado, a sétima arte revela, emociona, choca e mostra a realidade com que convivemos dia a dia e muitas vezes não enxergamos.

A jornalista Christa Berger reuniu em sua obra *Jornalismo no Cinema* informações para entender o fascínio que os cineastas tem pela profissão. Em sua pesquisa, encontrou 785 filmes, lançados até o ano de 2002, que retratam o jornalista, o mercado de trabalho e a rotina nas redações. Para ela, o jornalista se confunde com um personagem de filme no dia a dia. Ele é alguém que representa, seja outrem ou uma comunidade:

A atividade profissional do jornalista se presta exemplarmente para ser equiparada à função de personagem: o jornalista, na sua rotina de trabalho, localiza problemas, investiga suas causas, descobre fatos e apresenta soluções na forma de enunciados; os personagens cinematográficos são construídos através de ações quando acompanham, interferem e solucionam questões no filme. Muitos filmes de jornalista terminam com a publicação da reportagem, com o jornal sendo impresso ou a manchete exposta na banca revista. Ou seja, a ação do jornalista ao elucidar a trama conecta a atividade jornalística à história. E a história contada, neste caso, é uma história verdadeira, pois mereceu notícia no jornal. (BERGER, 2002, pg. 15)

O jornalista não deixa de ser um ator, e por consequência disso os atores criam caricaturas por vezes fiéis dos jornalistas. A jornalista e relações públicas Marisol Santos, em conversa com os alunos da disciplina de Jornalismo e Mercado, na Universidade de Caxias do Sul, comentou sobre uma experiência pessoal, onde precisou ser "atriz". Quando era repórter, Marisol foi chamada para fazer a cobertura de um assassinato que ocorrera na cidade. Profissional, "vestiu uma armadura", como ela mesma conta, e não se importou em chegar perto da cena do crime e ao corpo. Horas depois, quando a reportagem foi ao ar, a jornalista descobriu que a vítima era um grande



amigo.

Até hoje, nenhum filme foi capaz de elevar a profissão do jornalista tanto quanto a história de Clark Kent. Lançado em 1978, *Superman*, com Christopher Reeves, é uma adaptação da história em quadrinhos escrita por Jerry Siegel e Joe Shuster na década de 30. Na narrativa, Clark Kent é um jovem jornalista um tanto atrapalhado, tímido e inseguro. Trabalha no Planeta Diário, obedece a um chefe carrasco e, nas horas vagas ou necessárias, veste o uniforme vermelho e azul e sai pelas ruas para salvar o mundo.

O personagem se tornou um fenômeno histórico-cultural, movimentando uma indústria ao seu redor e se tornando referência para outras histórias de super-heróis - e também de jornalistas. A ascensão do *Superman* fez com que a mídia observasse a profissão de forma diferenciada. Para tanto, surgiram diversas adaptações da narrativa, e em cada uma delas o profissional possui características específicas. As tramas de suspense, como *O Homem Que Matou o Facínora* (1962), envolvem jornalistas sérios, por vezes frios e calculistas, que usam seu faro investigativo como ponto primordial para atingir seu objetivo. São bastante competitivos e em alguns casos estão ligados a gângsteres americanos e cowboys.

O sucesso *A Última Hora*, de 1997, relata o jornalista na rivalidade que conhecemos hoje, no mercado de trabalho. Em uma cidade onde dois jornais reinam absolutos na informação, cada um busca estar à frente do outro em relação aos fatos. A busca pelo furo, pela entrevista exclusiva e pela melhor foto põe uma pitada de pimenta no dia a dia. Um mercado em crescimento é um mercado competitivo, onde há espaço para todos e em todas as mídias. No filme em questão, dois repórteres digladiam entre si e com seu editor-chefe, pois cada um almeja uma nova colocação. Mais real do que isso, impossível.

Nesse aspecto destacam-se ainda os filmes *Sede de Escândalo*, de 1931, *O Quarto Poder*, de 1997, e *O Poder da Notícia*, de 1998. Nas histórias de drama, o jornalista é um típico bom vivant, aquele profissional que está acomodado e vê em uma boa história a chance de reavivar sua carreira. No fim, acaba sempre cedendo aos bons sentimentos, à ética e ao relacionamento humano como fator primordial na profissão. O primeiro drama jornalístico da história foi *Uma Mensagem da Reuters*, de 1940, que conta a sofrida história de vida do fundador da maior agência de notícias do mundo.

Em *Também Somos Seres Humanos*, de 1945, a trama gira em torno da vida do vencedor do prêmio Pulitzer, William Wellman, que ganhou fama ao percorrer o mundo para contar histórias verídicas de pessoas simples. A história de *O Jornal*, de 1994, com



a premiada atriz Glenn Close, pode ser apontada como a mais clara tentativa de reproduzir o jornalista e o mercado de trabalho. O filme se passa em uma redação de um famoso jornal, onde todos os profissionais lidam com problemas pessoais como filhos, casamentos que não deram certo e até mesmo dependências químicas. Contudo, seguem firmes em seu propósito de mostrar ao leitor a verdade, acima de qualquer barreira.

Existem também os filmes considerados “mais reais”, que conseguem retratar o profissional em sua essência: são aqueles que retratam os correspondentes de guerra, através de uma realidade vivida. Seja qual for o gênero, as tentativas são válidas. O jornalista exerce certo fascínio sobre boa parte da população, que o enxerga quase como um super-herói: ele pode não salvar o mundo inteiro, mas faz a diferença na parcela proporcional que consegue atingir.

As comédias românticas

Talvez nenhum gênero cinematográfico flerte mais com a profissão como as comédias românticas. A indústria de Hollywood, segundo pesquisas, lança cerca de sete filmes ou seriados por ano com uma temática que envolva um jornalista, em redações, ou um programa de televisão apresentado por um profissional da área. São diversos exemplos que mostram as mais variadas vertentes da personalidade do profissional da comunicação.

Diversos pontos convergem, como a dificuldade de ter uma vida pessoal bem estruturada, por conta dos horários malucos enfrentados pelo jornalista. E há também uma semelhança no glamour que a profissão “deveria ter”, ao mostrar o profissional em festas badaladas, viagens à lugares paradisíacos e muita diversão. Para uma associação rápida à geração atual, o filme de maior exemplificação é *O Diabo Veste Prada*, de 2006. Na história, uma jornalista recém-inserida no mercado de trabalho consegue a oportunidade de sua vida ao trabalhar na conceituada revista de moda *Runaway*. No entanto, nem tudo são flores: ela precisa enfrentar a concorrência com sua colega de trabalho inescrupulosa e encarar a chefe – com todas as características de um “diabo”. Sua ascensão na profissão é rápida, mas ela vê seu relacionamento com o namorado e os amigos desmoronar ao passo que atinge objetivos que antes não havia nem imaginado.

Coincidência ou não, um prato cheio para os críticos da profissão. Há também alguns exemplares de filmes onde o jornalista, infiltrado, busca realizar a reportagem de



sua vida. Em *Nunca Fui Beijada*, de 1999, a personagem principal precisa voltar aos tempos de escola para mostrar como vivem os jovens atuais. Em seu tempo de estudante, ela era vítima de piadas e não encontrou o verdadeiro amor. Agora, uma mulher decidida e segura, ela volta aos tempos de adolescente e se torna a garota mais popular da escola. Mas, como sempre há um mas, ela acaba se apaixonando por seu professor e colocando seu trabalho em xeque ao mudar os rumos de sua reportagem.

O enredo de *Como Perder Um Homem em 10 Dias*, de 2003, mostra uma jornalista que precisa escrever um artigo bastante íntimo para a revista onde trabalha. Ela decide, então, fazer com que um homem se apaixone por si em uma semana e usa diversas táticas para mostrar como é realmente mais fácil perdê-lo em 10 dias. Novamente, ela se apaixona pelo rapaz e a profissão fica em jogo.

No elogiado filme *Uma Vida Em Sete Dias*, a atriz Angelina Jolie vive uma jornalista em dúvidas. Estrela de um telejornal matinal em Nova York, sua vida pessoal –como sempre –está uma bagunça. Com medo de perder o emprego, ela passa a trapacear para conseguir algumas matérias que alavancam a audiência. Em uma consulta médica de rotina, descobre que possui uma semana de vida e corre contra o tempo para reparar todos os erros e acertar as arestas que sua profissão deixou incompletas.

Na infinidade de filmes do gênero, a dúvida é sempre a mesma: um bom jornalista pode ser um bom namorado, pai ou amigo?

Considerações finais: O Jornalismo é mesmo assim?

Com tantas representações na grande tela, é de fato questionável a veracidade de todas elas. Contudo, é preciso compreender que todas tem um fundo de realidade, pois tratam de pessoas comuns, que estudam, trabalham e buscam seu lugar no mercado de trabalho. O jornalismo, hoje, enfrenta novas realidades. O crescimento da web, a queda do diploma, a inserção de novas plataformas e o surgimento de outros estúdios cinematográficos fazem com que o leque de possibilidades sobre a reprodução da profissão seja cada vez mais amplo.

O livro “A imagem da notícia: o jornalismo no cinema” afirma que o cinema nada mais faz do que retratar um cotidiano comum, normal, fazendo uso de narrativas que, sem dúvidas, são reais:



Arte de produzir sonhos e ilusões, o cinema flertou com o jornalismo e conseguiu, na maioria das vezes com sucesso, retratar o mundo da notícia tal qual ele é: previsível, inesperado, manipulado, confuso, claro, objetivo. Muitas vezes melhor do que nós gostaríamos que fosse. Se, em alguns filmes, o cinema se valeu de ideias mirabolantes para falar sobre o jornalismo, é porque o cinema é, antes de tudo, uma expressão puramente imaginária. E a imaginação nem sempre caminha ao lado do real. Ainda bem. É ela que nos desvia da rotina e, ao mesmo tempo, se introduz na realidade, desfigurando-a e intensificando-a. É disso que vive o cinema. Nós somos a matéria-prima da notícia e das histórias que vão para as telas, sejam elas inventadas ou “inspiradas em fatos reais”. (COELHO, 2003, pg. 46)

O livro destaca ainda a importância de o cinema fazer com que a história fique ou não na memória do espectador. Certos filmes foram imortalizados, são lembrados e passados de geração para geração e personagens se tornam ícones. Já no jornalismo, com a notícia, o efeito é mais passageiro. Como lidamos com o noticioso, o dia a dia, existem coisas que passam batido aos olhos do espectador. Noticiado hoje, o assunto não tem mais importância amanhã.

Para a autora, “[...] quando o cinema reproduz uma história verídica, ele está sendo literalmente jornalístico. É o mesmo que o repórter faz. Reproduz a sua maneira, e conforme sua interpretação, um fato que presenciou.” (COELHO, 2003). Portanto, é fácil concluir que o cinema, em sua essência e ânsia de conquistar, reforça o mito que se construiu em torno do jornalista. Esse profissional possui, sim, todas as características expostas pela sétima arte. No entanto, sem generalizações. O jornalista investigativo dos filmes é semelhante ao jornalista investigativo da vida real, assim como o profissional esportivo da arte é parecido com o profissional da vida real.

Sejam histórias reais ou inventadas, são expostas com premissas extremamente vívidas. As histórias enfatizam, ainda, a dificuldade de se manter firme no mercado de trabalho, combatendo a concorrência por vezes desleal e a busca pela seriedade na profissão, não deixando que os grandes veículos manipulem a informação de deve chegar ao público. É compreender que a profissão, por mais difícil que seja, tem suas recompensas e reconhecimentos. Basta investigar, ouvir e questionar. Afinal, o jornalismo vai onde a notícia está. E o cinema leva a notícia ao mundo.



REFERÊNCIAS

ANDREW, J. Dudley. **As principais teorias do cinema: uma introdução**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

BAZIN, André. **Charles Chaplin**. Editora Jorge Zahar, São Paulo, 2006.

BALÁZS, Béla. **Theory of the film**. New York Journal, 2001.

BERGER, Christa. **Jornalismo no cinema**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

DÁVILA, Letícia Pimenta. **A imagem da notícia: o jornalismo no cinema**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2003.

FERREIRA, Manuel Cintra. “*O jornalista como personagem*” IN: **Jornalismo e cinema**. Expresso/Cinemateca Portuguesa, Lisboa, 1993.

NOGUEIRA, Lisandro. **Cinema e Jornalismo: o melodrama e a tragédia moderna**. In: Revista Esfera, ano 1, vol. 1, nº 2, julho-dezembro, 2008.

SANTOS, Macelle Khouri. **Um olhar sobre o jornalismo: análise da representação do jornalismo no cinema Hollywoodiano, de 1930 a 2000**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. SP, Summus Editorial, 1993.

VIEIRA, Gabriel. **Complexo de Clark Kent. São super-homens os jornalistas?** SP, Summus, Editorial, 1991.

<http://www.cinemosaic.com>, acesso em 14 de maio de 2011.

<http://www.infoescola.com/cinema/historia-do-cinema/>, acesso em 17 de junho de 2011.

http://super.abril.com.br/superarquivo/1991/conteudo_112830.shtml, acesso em 17 de junho de 2011.

<http://www.webcine.com.br/historia1.htm>, acesso em 15 de junho de 2011.

<http://www.wooz.org.br/cinemaimprensa.htm>, acesso em 09 de junho de 2011.